

Importância do conhecimento empírico na ecologia de espécies da mastofauna na península de Itapoá/SC.

1SOUZA, E.S & 2DORNELLES, S. Itapoabeach2003@yahoo.com.br ¹Acadêmicos do 3º ano do Curso de Ciências Biológicas Licenciatura – UNIVILLE ²Professor Orientador, departamento de Ciências Biológicas – UNIVILLE

Introdução

Na ecologia, a importância do saber popular de comunidades tem sido evidenciado através da Etnoecologia. (Pinheiro, 2002). Etnoecologia é o estudo das interações entre a humanidade e o resto da ecosfera, através da busca da compreensão dos sentimentos, comportamentos, conhecimentos e crenças a respeito da natureza, características de uma espécie biológica *Homo sapiens*. Segundo Marques, (2001) sua ênfase deve ser na diversidade biocultural e o seu objetivo principal a integração entre o conhecimento ecológico tradicional e o conhecimento ecológico científico. Recuperar os conhecimentos tradicionais permite oferecer subsídios as diversas áreas de pesquisa e a futuras propostas de manejos de áreas naturais, além de viabilizar o acesso da comunidade local á informações sistematizadas (Toledo,1992). Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda. A memória é a faculdade épica por experiência. A memória é a faculdade épica por excelência (Bosi, 2001:82: 90). Os dados obtidos nesta pesquisa possibilitarão a formulação de estratégias de uso insustentável dos recursos naturais, considerando a percepção ambiental da população, baseado nos sistemas cognitivos desenvolvidos ao longo do convívio do homem com a natureza. Materiais e

Material e Métodos

A área de estudos compreende a região coberta por floresta Ombrófila Densa de Terras Baixas e Submontana da Península de Itapoá, nordeste de Santa Catarina. Limitada ao sul e a oeste pela Baía da Babitonga, a leste pelo Oceano Atlântico e a norte pela divisa com o Paraná (26° 12' 30" S 48° 42' 36" W). O clima é mesotérmico úmido, sem estação seca, com verões quentes e médias anuais de temperatura, precipitação e umidade relativa em torno de 20, 5, 1.900mm e 87% respectivamente (Fatma,2002). O presente trabalho tem por objetivo identificar membros das comunidades locais, inseridos na Península de Itapoá considerados como informantes especialistas, ou seja, pessoas com alto grau de conhecimento sobre a referida área. Utilizou-se para isso os critérios adotados por Marques (2001) questionários semi-estruturados contendo questões norteadoras sobre o tema abordado na pesquisa, ou seja, obtenção de informações que possibilitem a identificação das espécies de mamíferos conhecidos e as áreas de ocorrência. Esta sendo investigado o conhecimento acerca das variações estacionais das espécies, status de conservação e ameaças que estas vem sofrendo, assim como, possíveis extinções locais. Neste método de pesquisa, a quantidade é substituída pela profundidade, ou seja, o número de pessoas é menos importante do que a tentativa de se observar uma questão a fundo e sob diferentes pontos de vista. Resultados e Discussão. A região do nordeste do Estado de Santa Catarina, que inclui os municípios que fazem parte do Complexo Hídrico da Baía da Babitonga, possui grandes áreas ainda preservadas cobertas por Floresta Ombrófila Densa e outros ecossistemas associados como restingas e manguezais. As maiores manchas de floresta são encontradas na Península de Itapoá, encosta da Serra do Mar em Joinville e na planície de Barra do Sul e São Francisco do Sul, sendo áreas consideradas de excepcional interesse científico (FATMA, 2002). Nestas grandes manchas ainda é possível a existência de corredores de biodiversidade, mesmo com a presença de grandes barreiras como a malha urbana e viária. As metodologias que utilizam questionários para obtenção de dados quantitativos sofrem, com certa razão, críticas por serem coletas indiretas de dados, ou seja, dados obtidos através de terceiros. Segundo CALOURO (1995), alguns pesquisadores preferem acompanhar algumas caçadas para obterem dados mais confiáveis, mesmo ao custo de um baixo número de amostras. Entretanto, na referida região, a presença da pesquisadora durante as caçadas foi recusada alegando segurança. Tanto a caça de subsistência quanto a caça comercial ocorrem na região de forma significativa. Notou-se

que todos os doze entrevistados eram conhecedores da densidade e do comportamento das espécies, no entanto, apenas quatro eram conhecedores da importância desses animais para as relações ecológicas e de co-evolução da floresta, sendo que a maioria dos caçadores utilizam a área indiscriminadamente contribuindo para o declínio populacional das espécies. Estes são da área urbana e utilizam técnicas de caça como o mondé, espera, espingarda e são caçadores de final -de -semana. Os moradores da área rural caçam mais por necessidade proteica, como dispõem de mais tempo são mais seletivos. Alguns usam a técnica do jequí, um aparato em forma de cone feito de tela de arame liso ou madeira contendo uma tampa na parte mais larga do mesmo, que uma vez colocado na entrada da toca quando o tatu tentar sair entrará na armadilha não conseguindo voltar pois a tampa só se abre para dentro, o animal não se fere e se for fêmea poderá ser solta. Usam ainda o "aveso", uma espécie de seiva que é mais utilizada para animais como o veado e a capivara, outros também usam espingarda para garantir o produto da caçada. Segundo os entrevistados, os animais são preservados até certo ponto em função de as técnicas permitirem a escolha entre machos e fêmeas, contam que as técnicas lhes foram passadas pelos seus pais. Os animais mais visados na localidade pelos caçadores são: o tatu (*Dasypus novemcinctus* entre outros), a paca (*Agouti paca*), a capivara (*Hidrochaeris hidrochaeris*), o quati (*Nasua nasua*), o veado (*Mazama gouazoubira*), além de algumas espécies de pássaros. A área é rica em fauna e flora, mas sabe-se que a caça desordenada contribuiu para a diminuição de muitas espécies, especialmente daquelas já ameaçadas por outros motivos como a destruição de seu habitat. A superexploração através da caça, por sua vez, leva a extinção local das populações de espécies cinegéticas (CULLEN, 1997; SAUNDERS et al. 1991).

Conclusão

Conclui-se que é necessária a realização de educação ambiental tanto nas escolas quanto na área rural, pois enfrentou-se grande resistência por parte dos moradores em aceitar a ideia de diminuição tanto da caça como do desmatamento, visto que a região sofre com a exploração madeireira para fabricação de carvão. Os rumos do trabalho foram delimitados pelos conhecimentos tradicionais dos moradores locais que, juntamente com as inclinações teóricas, fomentaram o diálogo com o conhecimento científico. Dessa forma, a interseção dos "saberes", da teoria e da prática foi adotada como fundamento básico para a discussão sobre o manejo dos recursos naturais. (APOIO: FAP: Fundo de Apoio à Pesquisa)

Referências Bibliográficas

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade - lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das letras, 9 ed, 2001. CALOURO, A . M. Caça de Subsistência: Sustentabilidade e Padrões de Uso entre Seringueiros Ribeirinhos e não Ribeirinhos do Estado do Acre ,1995. CULLEN, L, Jr. Hunting and biodiversity in Atlantic forest fragments, São Paulo, Brazil. MSc Thesis, Univesity of Florida, Florida, USA. 144 p. 1997. FATMA-Fundação do Meio Ambiente de Santa Catarina-Atlas ambiental da região de Joinville: complexo hídrico da baía da Babitonga. Florianópolis/GTZ. 2002 MARQUES, J.G.W. Pescando pescadores: ciência e etnociência em uma perspectiva ecologia.1.ed. São Paulo: núcleo de apoio a pesquisa sobre populações humanas a áreas úmidas brasileiras, USP, 2001. PINHEIRO, L. Etnoecologia dos trabalhadores do mar: O caso da Baía da Babitonga, São Francisco do Sul.2002. TOLEDO, V.M. What is Ethnoecology? Origins, scope and implicatinos of a rising discipline. Etnoecologia, v.1, nº1,1992.